



Gaiato



PORTE
PAGO

Quinzenário * 8 de Setembro de 1979 * Ano XXXVI — N.º 926 — Preço 5\$00

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

Calvário

Será este um novo problema? Creio bem que não. Mas a acuidade com que ele hoje é posto, isso sim, é coisa nova.

Dois mães, uma das cercanias de Coimbra, outra dos arredores do Porto, aparecem aqui no Calvário com idêntico problema. Ambas começam a entrar na fatídica terceira idade. São igualmente viúvas. A primeira vive só com um filho anormal. Para que este a deixe trabalhar põe-no a dormir o dia todo. A segunda, professora primária, também acalenta com ansiedade o filho único que sofre de atraso mental, bem denunciado mesmo externamente.

O drama é, pois, semelhante. O presente destas mães é vivido sob a ameaça dum futuro incerto para os filhos. Quando elas vierem a faltar quem vai acolher-lhes os filhos? Este é o temor que não deixa sossegar a mente de quem muito quer aos filhos inocentes e indefesos.

Esta situação não é de facto nova, porque atrasados mentais sempre os tem havido e pelas estatísticas dos países que as colhem confirma-se que o número daqueles aumenta inquietadoramente. Viúvas com crianças anormais também sempre a história as conheceu. Mas a angústia e aflição daquelas pelo futuro destes, é certamente coisa nova.

Não há muitos anos atrás deparava-se sempre no quadro familiar ou aparentado com um lugar para resolver estas situações. Hoje este refúgio não existe. Antigamente confiava-se na sociedade. Havia sempre alguém para deitar a mão nas emergências familiares. Hoje não. Ninguém confia em ninguém. Quem guarda aflições destas entra em pânico ao pensar no futuro!

Fala-se entre nós de planos de saúde, de assistência. Mas quê? A confiança na sua execução não existe. E ainda que esta viesse a ser fonte de esperança, nas entrelinhas dos planos referidos não se vislumbra grande atenção ao doente mental. É normal, dado que estes não têm porta-voz que faça valer seus direitos.

— É que se eu morro não há quem me acete o filho — diz uma das mães.

— Eu estou a ficar sem forças e vou morrer com o

Continua na QUARTA página

● Hoje veio a nossa Casa um grupo de antigos rapazes nossos. Na bagagem, acima de tudo, vinha o anseio e a alegria de se encontrarem. Famílias já constituídas, em casa da sua antiga e sempre família. Seus filhos vêm e vêm... A Aldeia da grande família de seus pais! Gerada por eles e por causa deles. Só por eles Pai Américo a criou e a amou... Por isso, eles a amam também. Uns, no dia-a-dia da nossa vida; outros, mais distantes no espaço da sua vida particular, mas muito presentes também. Uns e outros conscientes do muito de comum que tem a sua vida de ontem e de hoje e também de amanhã. O elo de ligação é importante ser reencontrado para jamais se deixar de perder... A filosofia simples de um encontro. O essencial. A amizade. Nada mais.

● Também hoje fui a um baptizado do filho de um antigo gaiato. A mulher pediu-me para levar um rapaz comigo — o mais esquecido... Levei o Almeida. Se correspondi ou não, não sei. Ele correspondeu. Gostou muito. Tem 8 anos muito magrinhos. Já aqui falei dele. Era de Espinho... Como não tem ninguém, agora é nosso.

NOTAS DA QUINZENA

Mas o mais importante agora é a conversa que teve comigo na viagem de regresso, acerca do almoço. Assim: — «Quando eu pedia um pêssego, olhava e logo o pêssego à minha frente. Pedia doce e o doce aparecia logo. Do que mais gostei foi do frango e do pêssego. Mas gostei de tudo. Lá em Casa também gosto de tudo. Da açorda não gosto muito, mas como sempre. O que interessa é viver...» É textual. A conversa prolongou-se por toda a viagem, acerca dos três

amigos que fizera durante a refeição e outras coisas mais. Parece a criança mais frágil do mundo e da sua boca safu a força de palavras importantes para mim. Apreço pela amabilidade e amizade dos outros. Definição clara do «comer para viver» e não o contrário. E a certeza de que valeu a pena ser escolhido... Todos os dias, quando passa por mim, o Almeida diz só isto: «Olá, P. Moura!» E é tudo!

Padre Moura

AGORA

A Procissão sai muito atrasada porque também eu tenho andado muito pouco caseiro e não tem havido tempo de a organizar. Mas uma tarde destas, Fernando Dias e eu deitámo-nos à tarefa e fomos em espírito por aí fora, desde o Minho e Trás-os-Montes à linha de Cascais a passar cheques e darmos cabo de mais de 200 contos. Uma consoladora! Outros têm estafado mais em noites de casino e não vêm de lá tão felizes! Ora esta quantia foi uma gotinha a remediar urgências e vinda, sobretudo, das «capas» das nossas Festas: 300 contos. Mas as Festas foram muitas e ainda se juntou este agueirinho que deu uma regadela providencial.

As «capas», porém, é uma

vez por ano. E o resto?!... Fielis e fixes continuam os Peseiros da ex-Hi-Cávado, que se não perderam no mar alto da E. D. P. Deus os guarde em tamanha navegação! Ainda assim a remessa diminuiu bastante, não chega agora a 900\$ mensais. Firmes como estes os da Caixa Têxtil. E agora, alto lá; «A exemplo da Caixa Têxtil, dos Funcionários da Caixa do Comércio do Distrito do Porto, para o Património dos Pobres da Casa do Gaiato, a quantia de 1.000\$00». Ora vivam! E que estes arrastem outros. Este empreendimento começou em fins de Junho. Esperamos que as férias o não deixem cair no esquecimento.

Cont. na 3.ª pag.



Dos ovos à mesa da refeição, as galinhas são imprescindíveis em nossas Casas.

PELAS CASAS DO GAIATO

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

PARTILHA — A fim de resolvermos os problemas que surgem — por carências de vária ordem — quase todos os dias o correio traz a generosa partilha dos nossos leitores. Muitos deles um contributo regular que se impuseram cristãmente. São os «Amigos de D. António Barros»; a «Assinante do Seixal»; a «velha Amiga» lisboeta que «gostaria mandar mais, mas tanto a minha reforma como a do meu marido ainda não foram aumentadas; e a vida está tão cara que nos é difícil tirar mais alguma coisa, tanto mais que, infelizmente, temos mais a quem ajudar».

Outros, e outras também muito regulares: Lisboa — Rua da Lapa, 200\$00 e Rua Rodrigues Cabrilho com mais 50\$00 e legenda oportuna:

«Regressei, há dias, da Terra Santa, onde muito me lembrei de todos!

Foi uma grande graça ter podido lá ir e nem fazem ideia como gostei!

Ainda me parece um sonho ter percorrido os caminhos que Jesus andou!

Segue vale para a Conferência. É pouco, mas fiquei um bocado em baixo... Logo que possa mando mais».

Rua Pascoal de Melo — Lisboa: «Devido a dificuldades financeiras — sublinha este bom Amigo — só agora posso enviar o habitual donativo (250\$00). Peço-vos o meu anónimo».

Mais 500\$00 em discreto sobrescrito. Casal-assinante 17022, 200\$00. Metade de Laura, do Porto. E 1.000\$00 de um Casal-emigrante, em Colónia (Alemanha Ocidental), de visita a Paço de Sousa.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

Paço de Sousa

CONVÍVIO — Teve lugar, em nossa Casa, no passado domingo, 26 de Agosto, mais um convívio entre os Rapazes, já casados, ao serviço da Obra, e deles que já saíram.

Reuniram-se logo de manhã, alguns chegando a tempo de assistirem à nossa Missa.

O convívio foi em nossa casa da mata, onde lá para o meio da manhã o sol começava a aparecer; por isso, um pouco incómodo.

De tarde, e como estivesse calor, os filhos dos nossos casados deliciaram-se com uma valente banho na piscina.

Segundo informações, tudo correu bem.

CASAMENTO — Há dias, o nosso «Vila Real» e a Fernanda Reis casaram na capela da nossa Aldeia.

A cerimónia foi no sábado à tarde, acompanhada pelo nosso grupo coral. Logo após a cerimónia, a boda foi na residência da noiva.

Os convidados eram bastantes. Também esteve lá uma representação da nossa Comunidade; aqueles que mais estiveram ligados a ele durante o tem-

po que esteve conosco depois do regresso de Angola.

Para ele e para a Fernanda Reis, os desejos de felicidades e muito ânimo para enfrentarem as dificuldades da vida.

Boa sorte para ambos.

FESTIVAL DAS VINDIMAS — Está na «forja» mais um Festival Desportivo das Vindimas-79. Estarão presentes alguns atletas dos concelhos de Paredes e Penafiel.

Os cartazes foram distribuídos e as inscrições começaram.

Os treinos da nossa malta, que estão sempre em dia, já principiaram há muito. Agora, é só acertar alguma falha.

Estamos plenamente convencidos de que este Festival vai ser muito mais renhido do que os anteriores.

PRAIAS — Os turnos vão e vêm e o certo é que o silêncio continua! No «Aqui Lisboa» do último número de O GAIATO, sr. P.e Luís dizia que «...o mar e as suas ondas refrescantes parecem ter, por agora, bloqueado os cronistas...» E é verdade, uma vez que o ano passado os cronistas foram mais absorvidos pela escrita e, este ano, não!

Aguardamos notícias e desejamos ótimas férias para o 4.º turno, que está em Azurara a gozar suas férias.

EM ATRASO — Por falta de es-

paço, não pudemos publicar o poema «Partitura em mi» da canção que obteve melhor classificação no 3.º Festival Amador de Música Portuguesa, organizado pelo Centro Cultural de Cête.

O grupo que a interpretou foi o «Quarto Crescente» e o poema é o seguinte:

*Não existe, entre os ventos
Sinal de qualquer caminho
Que aponte a cada homem
O seu próprio destino.*

*Nós por cá, choramos
Porque nem sempre, são claras as ma-*

[nhãs

*E as alegrias, se gastam nos sonhos
De incertezas e de medos.*

*Há um reino de existência
Na noite de cada ser
Que sem direcção percorre
Caminhos para viver.*

*Sonha o teu sonho
E constrói um HOMEM novo
Nascendo em ti, uma criança.
Uma esperança de um companheiro
E numa mão... O MUNDO INTEI-*

[RO!!!

Parabéns aos compositores!

«Marcelino»

Benguela

QUATRO DE AGOSTO — muitos leitores, ao verem e lerem esse título desconhecido para uns, e conhecido para outros, ficaram de certeza admirados que o cronista se refira a uma data.

No entanto, vou explicar o que é o quatro de Agosto para os Gaiatos em todo o mundo: neste dia foi eleito Sacerdote o senhor Manuel António.

Foi um dia muito animado, em nossa Casa, em Benguela, festejado com um jantar confraternizado com os ex-gaiatos, que actualmente se encontram muitos como pais de família.

E a festa não ficou terminada no dia quatro. No dia cinco realizou-se um encontro de futebol entre os ex-gaiatos e os actuais gaiatos.

Amigos leitores, foi na verdade uma boa e dura partida de futebol, com ataques e contra-ataques. Por banda dos ex-gaiatos, Veloso abriu o activo sem perdão, aos doze minutos de jogo, na marcação de um canto, afectado por Presa, depois de várias tentativas dos actuais gaiatos, que queriam fazer recuar o esférico para fora da sua área, mas em vão. Foi mesmo golo.

Os actuais gaiatos não baixaram os braços; tentaram a igualdade e conseguiram assim o empate aos dezasseis minutos do encontro: Pedro Luís recebeu um cruzamento de Gambazino e, de cabeça, fez com que a bola violasse as redes de Henrique.

A partida continuou com mais velocidade, e aos vinte e cinco minutos Tozé, em tabelinha com Pedro, fez o segundo golo, por banda dos actuais gaiatos. Foi o golo da vitória.

Os ex-gaiatos tentaram todas as pos-

sibilidades para conseguirem a vitória, mas demonstrámos, uma vez mais, que a Juventude é mais fresca, é mais resistente.

CURIOSIDADE — A curiosidade é um ponto muito importante para adquirirmos bons conhecimentos, como também muito vergonhoso para quem não sabe possuí-la. Um indivíduo curioso sente decerto vergonha perante muita ou mesmo pouca gente. Claro, se o indivíduo é curioso, e demonstrasse pois toda gente sabe, claro que surgem gozos e irritações com colegas. Mas, também é de recordar, o curioso aprende muito através da curiosidade.

Gambôa

Miranda do Corvo

REUNIÃO FAMILIAR — «Reunião» até talvez nem seja o termo exacto e conciso, acerca do que vos vou falar.

Vem já com muitos anos o Convívio da Família das famílias.

Não se trata de efectuar a união daqueles que há tempos não se vêem! Existe um laço afectuoso e espiritualmente forte, um laço apertado em cadeia, que une o coração de cada um ao coração do seu irmão.

Há uma força caracterizadamente familiar que os conduz uns para os outros — os gaiatos.

Estivemos cá, foi aqui que vieram..., onde amanharam na vida tanto amor efundido agora nas famílias que constituíram. Casaram. São pais. É uma alegria a família a crescer fora das portas! É maravilhosa a hereditariedade do amor!

Não é um amor «produto raro» ou «artigo de luxo».

Foi na simplicidade de «um comes e bebes» onde se começaram por partilhar e apreciar os frutos dos talentos culinários das esposas dos nossos.

É um motivo vulgar, consequência da necessidade perene, que cada qual sente, de repartir as agruras do dia-a-dia, impossível sem partilha!

Juntámo-nos todos e folgámos. Escolheram o fim-de-semana em que o nosso Padre Horácio foi à Figueira da Foz pregar aos cristãos a nossa Doutrina.

Apareceram os nossos gaiatos casados, os namorados e os celibatários. A família do irmão do Crisanto veio de Setúbal. O «Tótó» veio da Batalha, com a esposa e as filhas, uns amorzinhos encantadores! A ternura viva!

O Padre Jesus Ramos não pôde aceitar outros compromissos na paróquia.

Sobre as toalhas estendidas em fila no chão acarumado, num pinhal próximo de Quaios, estavam feijões policolores, que mais tarde troariam em festa intestinal. As senhoras quase se preocupavam só com os estômagos dos seus maridos. Receavam as consequências da feijoada!

Além da alegre robustez destes feijões estavam outros pratos, simples, mas agradáveis! Se procurássemos um pouco, eram encontradas, nas

Exposição de pintura

Foi no passado 5 de Agosto que Luís Mendes mais uma vez expôs no salão de festas da Casa do Gaiato.

Nos seus 35 quadros expostos, vários temas foram abordados, como: Paisagem, vida do mar, natureza morta, impressionismo, expressionismo, etc. Com uma técnica simples e alguns deles pintados com forte emoção, conseguiu motivar a sensibilidade do público.

A exposição esteve aberta desde as oito horas da manhã até às vinte e duas e trinta, visitada por muita gente que, unânime na sua opinião, gostou; tanto assim que alguns dos quadros foram adquiridos.

Não há pretensiosismo na pintura de Luís Mendes. Na minha opinião

há poesia. Pretensão existiu, sim, nas críticas de vários jornais que mais se preocuparam em manifestar elogios exagerados e distantes do que fazer uma crítica sincera e honesta.

O Luís Mendes tem 18 anos. É um artista ainda na forja. Presentemente não usa técnicas novas, nem sequer posso dizer que seja muito original. Limar arestas e o desejo de maior aperfeiçoamento estão dentro do Luís. Além de mais existe nelé força e um grande querer; e é aí que reside o germen dum futuro artista que poderá vir a seguir escola e, porque não?, criar escola.

Força Luís! E parabéns.

Alvaro Candeias



Não há pretensiosismo na pintura de Luís Mendes



Fátima-Oração

A convite do Santuário, fomos lá — como O GAIATO já assinalou na última edição. Fomos para orar. Eram milhares de Emigrantes, os peregrinos. Rezamos com eles e para eles.

Enche-nos o comentário de um sacerdote do Santuário: «Convosco é diferente; vós falais da vida».

Não é condão, é espontâneo em nós falar da vida, pois que sentimos o seu sabor porquanto a vivemos.

E, neste dia, temos que falar da vida, pois quantos nos escutam são heróis dela. Vivem-na condensada no dia de hoje, artificialmente no modo de ser vivida e muita esperança de um dia folgado chegarem muito próximo e poderem então viver junto de quantos são os mais queridos.

Não fomos para falar aos Emigrantes, mas para rezar com eles e, com eles, dizermos ao Pai que aceite a nossa vida-orração mesmo quando ela não parece ser nada oração.

Apresentámos ao Senhor alguns dos «Retalhos da vida» em testemunho real que em muito estão ligados aos nossos Emigrantes. E foi assim que o Chiquito-Zé rezou:

«Senhor, também a minha vida de criança está muito ligada aos Emigrantes, pois que meu Pai também foi Emigrante em França.

Meu Pai, como os outros Emigrantes, trabalhava duramente para ganhar o pão para minha Mãe e cinco filhos. Quando tinha quatro anos faleceu a minha Mãe. Pouco tempo depois de minha Mãe ter morrido recebemos a triste notícia de que meu Pai morria também debaixo de um comboio, perto de Paris, deixando

cinco filhos dos quais sou o mais novo. Ficámos todos com a nossa Avó, pobre e velhinha. Algum tempo depois ela pediu para meu irmão e eu sermos recebidos na Casa do Gaíato. Sou de Viseu e sou estudante. Tenho treze anos e passei para o 9.º ano de escolaridade.

Obrigado, Senhor, por Pai Américo e pelas Casas do Gaíato. Peço-te, Senhor, para que ajudes os Emigrantes, que não lhes aconteça o mesmo que a meu Pai e aqueles que por lá morrem tenham lugar junto de Ti. Peço-te também, Senhor, por todas as crianças que ficam órfãs de Pai e Mãe, que encontrem amor nas outras pessoas. Tu ensinaste que todos sejamos a Tua grande Família, Tu que és tão nosso Amigo e nosso Salvador.»

Fizemos-Lhe também algumas preces, que são preces de Jovens que sentem a vida.

Vou deixar para vós outras das orações que fizemos:

«— Ontem, Senhor, olhei à minha volta e assustei-me.

Tu assustaste-me, Senhor, com a Tua falta lá. Tu não estás presente e vejo uma escola vazia. Vejo a Universidade de Jovens que não vivem a Juventude, porque Tu não estás vivo, vivo entre eles.

E vejo...

Vejo a generosidade da Juventude, degenerada, caída num podre egoísmo.

Vejo jovens envelhecidos pelas paixões. Caídos na desgraça de vícios alienantes. Gritando liberdade e presos desde o mais fundo que há em si.

Já não são Jovens, Senhor. São drogais...

São sexo!...

São ciência!

É isso, Senhor. Alguns são ciência.

Eu não entendo bem, mas acho que ciência sem Ti é utopia. Eles dizem que não. Que Tu é que és utopia, que Tu és alienação. Que Tu és o «Ópio do Povo».

E fazem-te guerra, Senhor. Eu também não compreendo por que é que arranjam novas e complicadas teorias para Te combater já que não acreditam em Ti. Querem ser, pela ciência, novos deuses e, talvez por

isso, Te queiram destruído do Teu lugar em nós.

E eu, Senhor, olho e fico estático. Também sou uma peça daquela máquina de buscar ciência.

Por isso hoje, Senhor, eu ofereço-te tudo isto. Ofereço-te a dor duma Universidade buscando o futuro, estudando o passado, vivendo sem Ti.

Ofereço-te o Jovem que vejo desanimado na luta contra

o tempo, embriagando-se de ciência e mais ciência, esquecendo o Amor.

Ofereço-te aquele que jaz no seu desleixo, sugando os pais que trabalham longe os mesmos dias que ele gasta inutilmente, buscando o prazer.

Ofereço-te farrapos que sobram dos corpos daqueles que vegetam na droga e no sexo. Ofereço-te os professores, máquinas de jorrar ciência, martelando-a aos nossos ouvidos.

Tudo Te ofereço, Senhor... mesmo a minha cobardia.»

Lita



Cont. da 1.ª pág.

Vamos agora aos que ainda apontam nomes de casas. É a Louvado seja N. S. Jesus Cristo com mil de uma vez e quinhentos de outra e mil de outra. É a Alice com as suas «gotinhas» para a Casa de Santa Filomena. E a última com «o calor de ter sentido e vivido a vossa presença no Coliseu». E, de Guimarães, uma Maria que mandou em Março a 1.ª prestação para a Casa Padre Cruz. E em Maio voltou com a 2.ª e em Junho com a 3.ª e 4.ª, ficando a somar 80 contos.

Outros apaixonados de muitas vezes. É o J. P. R. pelo nosso Lar do Porto dentro, com o seu sorriso e o envelope escondido com 500\$. Eu já lhe tenho ralhado porque o apanho nesta faina mais do que uma vez no mesmo mês. Mas parece que

não tem emenda! É uma alma atormentada com o bloqueio estabelecido pela incompreensão familiar; são vários 500\$ além de muitas outras quantias com outros fins. É curiosa a sua preocupação com os nossos quando compra algo para os seus filhos, desde a roupa às guloseimas, aos livros na altura da Feira do dito.

A Alda do Ribatejo com o seu primeiro quadrimestre. De um José Carlos que, por si, ou por sua filha, aparece muitas vezes, 7.500\$ além de outrotanto para o Calvário e 10.000\$ para a Casa e jornal.

O «Cruz» que foi da Beira e retornou à Figueira da Foz, com a lembrança costumada para a Casa de meu Pai. Quinhentos da Maria Ana, que desta se esqueceu das saudades do Pedro.

De Bragança 8.000\$ e creio

que deve ser da mesma bica outros 2.000\$ que aparecem num outro apontamento. Quantas dezenas que só Deus sabe!, não digo arrancadas à boca mas a tanta comodidade legítima! O heroísmo ainda se não evadiu totalmente deste pobre planeta. Mais 500\$ de Maria Antonieta. E dez vezes mais também de Lisboa com um rol de novos assinantes e dinheirinho à frente! Mais 3.000\$ da Laura Maria, «ajuda para uma casa que venho fazendo desde final de 77». E M. M.-A. L. com dois recados no Espelho da Moda. Quinhentos de Maria da Luz para ajuda da 2.ª Casa de S. José que, se não me engano, foi o «Romeiro do Porto» quem começou.

E agora passa a multidão dos Diversos, dos quais muitos são já frequentadores habituais desta coluna.

«Porque é natural que falte uma ou outra telha no vosso enorme telhado, ela aí vai — anónima por favor». E é mesmo, que nem a assinatura consigo ler. «Veio pedir à Igreja de Paranhos e eu não ia prevenida. Eu gostava que essa importância (500\$) fosse para a Auto-construção, mas será para o que for mais preciso.» Muito eu gosto de ir aos peditérios e achar as pessoas desprevenidas. É quando o novo encontro se dá mais substancial e saboroso! Cinco mil de quem havia pouco tinha mandado outra bolada e pede desculpa por ter deixado passar um mês em branco. De Santarém, uma Professora reformada e sua irmã com 82 anos, 1.000\$ e uma carta repassada de amizade. De Faro, 500\$, «uma migalhinha de uma reforma». Outra «migalhinha» igual da Foz do Douro «por alma de minha Avó Cândida». Do mesmo sítio, de Margarida, dez vezes mais. O mesmo de Beatriz e Henrique: «E algum dinheiro do que ambicionamos repor àqueles que têm o mesmo direito que nós. É bom sentirmo-nos unidos a

Cont. na 4.ª pág.

geleiras portáteis, umas garrafas dum vinhaça caseira, que alto lá!

Como a sua saúde o permitia, o «Pai Horário» sentou-se à cabeceira da fila de toalhas e alguém teve o cuidado de apurar a melhor (eram todas ótimas) para estender à sua frente.

Não havia serventes e como a ementa variava nos diferentes pontos da mesa, andava-se, com o prato na mão, daqui para ali ocupados nas «provas», distraídos em conversas acerca de política e políticos com alguns exemplos, isto é, discutiu-se a nossa já tão patarata política.

Alguns, que com certeza teriam dificuldade em fazer a digestão, resolveram o problema num «cross» até à beira-mar. Os que ficaram decidiram fazer um jogo, que se tornou divertido com a respectiva contribuição do ambiente: davam um pontapé duro na bola, e o principal adversário do pontapeador era um dos muitos pinheiros em que a bola batia. Alguns destes replicavam em ricochete com tal rapidez que desgraçadamente o chutador, sem tempo para se proteger, recebia em si a bola, com a mesma violência com que a arremessara.

Imperou alegria e boa disposição

desde que nos encontrámos todos, até à altura em que cada um partiu, animados por mil sorrisos. Sorrisos de calor fraternal que nunca esmaeceu.

Estiveram cá, casaram, são pais.

Despediram-se os corpos duma união festiva. Permanecem unidos, num mesmo espírito, os corações de paz que conviveram em comunhão ideal!

A Família não se desfaz.

Eles vêm sempre e em qualquer altura. As portas escancararam-se, da casa que pedra a pedra ergueram e hoje continua a acolher, sob tecto decente, o Rapaz.

O Rapaz que tem de ser Homem.

O Rapaz que mísera e inocentemente nasceu de família incapacitada ou amputada sei cá por que laivos escabrosos.

Somos nós, por mão atenta desviados a tempo dum ladroar vadio, que na Casa do Gaíato encontrámos a família que projectaremos num futuro nosso e de todos, o sumo da vida que agora esprememos.

As Casas do Gaíato estão sempre de portas abertas. Muitos, cada vez mais, são os pais que nunca pensam que também já foram filhos.

Benjamin

O nosso Moinho

É a primeira vez que escrevo para o «Famoso», dando uma achega aos que já fizeram e aos que estão a passar férias em Azurara.

Encontramo-nos no monte de S. Domingos: eu, «Faniqueira», o «Régua» e o sr. P.e Carlos. Cá nos encontramos bem dispostos, não só pelo bom tempo que temos tido, mas também pelo silêncio que se vai notando ao longo dos dias.

O «Régua» encontra-se um pouco triste porque, na primeira noite, um cão atrevido resolveu brincar com as botas dele levando-as para o meio de algumas silvas que abundam por aqui. O certo é que ele tem que andar descalço; e isso é que é mau por causa dos picos abundantes nesta região. O cão deve ter confundido as botas com algum coelho, já que por aqui os há aos montes...

Mudando de assunto. O tempo tem sido bem propício para tomarmos uns banhos de sol, já que o Douro passa um pouco longe.

Contudo a água para alimentar o nosso chuveiro-balde não falta. É uma maravilha para quem a bebe.

Quem não gostaria de gozar aqui conosco umas deliciosas férias?! Só quem não sabe o que é bom viver uns dias no nosso «palácio» rondando.

Além do mais os cozinhados são uma maravilha, sempre prontos a horas e deliciosos. Que bem nos sabem, comidos ao ar livre e feitos pelo cozinheiro especial — o sr. P.e Carlos.

Depois de um bom almoço quem não gosta de dormir uma boa sesta debaixo dos nossos amigos pinheiros, que nos guardam sempre as suas sombras!?

Além disso ouvimos rádio e jogamos à «batalha naval» depois de uma boa soneca.

Cá nos vamos distraíndo e daí a pouco chega a hora de celebrarmos antes do jantar.

Depois, enquanto rezamos o Terço, vamos apreciando as luzes da Régua, de Lamego, de N. S. dos Remédios, de Valdigém que fica mesmo por baixo de nós, etc.

Termino mandando um abraço para os nossos amigos leitores do «Famoso».

Faniqueira

AQUI, LISBOA!

«Não é favor-nenhum dar de comer a quem tem fome; é um dever de consciência cristã.» (Pai Américo)

Ao olhar o que se passa pelo Mundo e, em particular, na nossa terra, onde tanto se fala e discute em nome do Povo, facilmente se aperceberá qualquer de nós da grandeza e da urgência dos problemas a resolver e da vacuidade verbal da maior parte dos homens responsáveis. Falamos todos de direitos, esquecendo que há deveres correlativos. Nos aerópagos internacionais e cá do burgo a chamada inflação verbal é uma constante de todos os dias. Fala-se, fala-se e torna-se a falar. Resultados? Poucos ou nenhuns, a avaliar pelos actos concretos e pelos reais benefícios produzidos em favor daqueles que tanto se invocam, os mais pobres e os mais desprotegidos, em suma, do sacrificado Povo, cujo nome está gasto e que só por o ver e ouvir citar, a propósito e a despropósito, nos obriga a estar de pé atrás.

O Povo sofre... Sofre por não ver as suas necessidades primárias satisfeitas, que até se tornam, em alguns casos, mais difíceis de realizar. Sofre na carne e no espírito por se ver, não raro, joguete nas mãos alienadoras dos políticos e daqueles que o invocam, buscando, ao fim e ao cabo, os seus próprios interesses e o das clientelas interesseiras que os rodeiam. Sofre por se sentir ludibriado ante tantas promessas não cumpridas e por constatar que, ao fim e ao cabo, o que está em causa são «prendas» chorudas e «tachos» rendosos,

disputados por algumas centenas de senhores, enquanto a Ele lhe destinam as migalhas sobrantes ou «louça» sem fundo...

O teor de vida está insuportável. O custo das coisas básicas, essenciais à vida, sobe vertiginosamente. Há falta de géneros alimentícios ou a sua rarefacção obriga a bichas inconciliáveis com as obrigações e os horários de muitos. Dos produtos mencionados no «cabo», que nos deveria garantir não só os preços mas a existência dos produtos, muitos não existem no mercado. Há carências de massa de 2.º e de arroz do mais barato; o peixe congelado escasseia e no fresco não se pode tocar. A batata não aparece com facilidade; a fruta atinge preços inoportáveis para as classes mais desfavorecidas. Chegar à carne de vaca é luxo só para meia dúzia de privilegiados. O mesmo se diga de tantos outros produtos. As estruturas de comercialização estão desorganizadas ou não funcionam. Quer dizer, aqueles que mais precisam de protecção vêem-se aflitos, obrigados a recorrer aos produtos mais caros que rapidamente esvasiam a sua já precária bolsa ou passam mesmo sem eles. A fome espreita muitas famílias ou já se instalou na casa de muitas. Entretanto, não pouco frequentemente, se ouve ou lê que os sacrificados «servidores» do Povo se banqueteam em lautas refeições festivas, a pretexto de tudo e de nada.

● Garante a «Declaração Universal dos Direitos do Homem» e a Constituição que temos direito à segurança da pessoa humana. Infelizmente, porém, seja qual for o ângulo considerado, não vemos que tal se processe na nossa terra ou que haja progresso. Os assaltos às pessoas e aos bens, por exemplo, incrementam-se. Em plena capital, à luz do dia, perpetraram-se os mais variados ataques. Os raptos de jovens, os roubos, os homicídios e toda a série de atentados, geram um estado de espírito de ansiedade ou de medo declarado. As autoridades são impotentes para garantir a vida e os bens dos cidadãos. Há gente que não sai a certas horas com receio de ser assaltada. Realmente, estamos a caminho do paraíso...

● Os Bombeiros e os Corpos Policiais declararam que muitos dos incêndios verifica-

dos ultimamente se devem a actos criminosos. Uma riqueza incomensurável, às vezes a única possível nas regiões afectadas, seja qual for o prisma que se encare vai sendo destruída, com consequências nefastas para o País. Porque se esperá? Há ou não autoridades nesta terra? Quem garante aos cidadãos, aqui como noutros sectores, a defesa dos bens colectivos e particulares? Ao fim e ao cabo são os mais pobres os primeiros prejudicados.

● Tem havido falta de medicamentos, o que tem vindo a agravar o teor de vida dos portugueses. Não haverá, com tantas competências palavrosas, meios de resolver mais este problema vital com que estamos a braços?

● Uma palavra sobre a greve dos Médicos, por quem nutrimos, em geral, grande apreço. Não discutimos o direito à greve, quando considerada como meio extremo de fazer respeitar os direitos legítimos de quem trabalha, nem queremos emitir juízos de valor sobre a justeza da atitude tomada por uma classe a quem o País de-

ve grandes serviços, mormente por parte dos sectores mais desfavorecidos da população. Somos testemunhas e o João Semana, mesmo hoje, ainda é figura real. Só queremos pedir, isso sim, que sejam respeitados os Pobres e mais fracos, as vítimas primeiras de tudo o que se processa. Os ricos e poderosos têm meios materiais para se defenderem, mas os Pobres, infelizmente, ficam à mercê dos acontecimentos, desprotegidos e abandonados.

● Vamos em breve iniciar a construção de duas casinhas para dois dos nossos Colaboradores, filhos da Obra. O direito à habitação é muito falado mas pouco respeitado. Neste cantinho, sobrepondo os actos às palavras, queremos fazer qualquer coisa de válido, certos de que não resolvendo os problemas todos, vamos procurando fazer alguma coisa. Aqui fica o convite à colaboração dos que nos acompanham nesta luta de servir os Homens por amor de Deus.

Padre Luiz

N. R. — A greve dos Médicos terminou, o que não invalida a doutrina exposta por P.e Luís.

A G O R A

Cont. da 3.ª pág.

vós todos, onde o Senhor caminha. Toda a amizade deste casal que pede para os seus filhos a graça de uma Fé verdadeira. Não contentes com esta presença, dias depois aparece estoutro, três vezes maior:

«Vai uma gotinha de água» para juntar a todas as outras e que nunca é a «medida» que o Senhor quer de nós.

É tão difícil ser «pobre» na verdadeira acessão da palavra! Sentimo-nos solidários convosco muito profundamente; queríamos saber dar sem medida, mesmo quando monetariamente isso não é possível. Vocês com a vossa Obra de Amor e construção desse amor, ajudam-nos. Muito obrigada.

Finalidade da «gotita»? Pensámos que gostaríamos de ajudar a uma casa, porque pensamos também fazer uma, para nós e nossos filhos, num local que gostamos muito para passar férias. Mas julgamos que será melhor para onde julgemos mais necessário — além disso, achamos mal fazer determinações daquilo que entregamos e não é nunca «nosso.»

Do mealheiro no átrio do Teatro Sá da Bandeira, 9.140\$. De um Advogado de Viana, 3.000\$. Nove mil da Missão Católica Portuguesa de Munster. «Desta vez também os Emigrantes ajudam», diz o Pároco desta Comunidade.

De Maria, 1.600\$. «Esta verba é uma pequenina percentagem do sinal que já paguei e que me dará a grande alegria de ficar a viver num andar meu...» Três mil de Maria Leonor «por alma de meu marido». Da Covilhã, Manuela, 500\$. Oito vezes mais de Mariana. O mesmo da Areosa, de Emília, uma Mãe que conhece o sabor da Cruz. «Dez mil; fruto das

minhas economias, para ser utilizado em adição aos Auto-construtores. É uma Maria Margarida de algures. De Nova Oeiras 5.000\$: «Acontece que nós vivemos em casa própria e confortável e temos ainda um pequenino apartamento para férias — tudo conseguido com trabalho honesto e muita economia; mas mesmo assim sinto que somos privilegiados». Quantos por aí fora arrotando socialidades com a boca toda, têm muito mais, talvez com menos esforço e sem esta consciência grata e dinamizadora da repartição. Do Porto, 500\$. De alguém na Ordem da Trindade dez vezes mais. Cem escudos de Elisabeth e o mesmo de Coimbra «por uma graça obtida». Vilar Formoso, 500\$ de alguém que todos os meses tem recados seja para o que for.

Aquela mãe preta de que P.e Moura falou há vários meses no seu «Ai dos Pobres, se não fossem os Pobres!» continua a mobilizar. Outra vez a Noémia, de Faro, com 500\$. O dobro do Porto. E mais «uma assinante portuense», com sua lembrança repetida em dinheiro e em peças de lã confeccionadas com muito amor para o filhinho que aquela mãe esperava. E do Funchal, como intermediária de uma irmã vi-

vendo no Brasil (ai as dificuldades do câmbio!), um vale e esta carta escrita pela própria na cidade de Fortaleza:

«Tenho na minha sacretária o jornal de Fevereiro de 79. E Deus sabe porque li no fim de tudo o artigo «Ai dos Pobres se não fossem os Pobres!» E sei que essa Mãe vinda de Angola, a minha terra, será amparada. Mas quero ajudar. Também eu, Mãe e vinda de Angola, vivo os problemas de uma casa. Infelizmente não estou perto. E este mês está muito apertado. Mas, uma cópia desta carta irá para a minha irmã e ela irá juntá-la a meu pedido, a cheque ou vale de correio de 200,00 (é pena não ter mais zeros, eu sei) e enviar-vos, do dinheiro que alguns bens em Portugal, me permitem receber anualmente. Esse dinheiro tem destino certo e agora obrigatório de certo modo, mas pode perfeitamente dividir-se. Só lhe peço que o faça chegar à minha patricia com o pedido de lhe ser entregue «da parte de quem também é angolana e está longe de Angola.»

Continuem com a «genica» do vosso jornal. Ele também me ajudou a recomeçar. Ele e o meu trabalho e o sol desta terra quase tão hospitaleira (e tão pobre!) como a minha, a sua, a terra portuguesa em geral. Porque ler O GAIATO e deixar-se afundar no seu próprio desânimo é impossível. Lutar é o remédio.»

Padre Carlos

Calvário

Cont. da PRIMEIRA página

desgosto de ver ficar o meu filho abandonado — geme a outra mãe.

Nenhuma destas situações é de penúria económica. O dinheiro começa a não resolver todos os problemas dos homens... Se é que alguma vez os resolveu!

Ao ouvir estes dramas pergunto-me a mim mesmo quais as razões que levam a sociedade a provocar a angústia destas mães e a de tantos outros pais verdadeiramente preocupados com o futuro dos filhos incapacitados para se defenderem por si na vida.

Trata-se, na verdade, da conduta humana e num plano profundo de inversão de primados. O do eu sobre o nós. O do egoísmo sobre o amor. O dos interesses pessoais sobre os da colectividade. O da valência dos inteligentes sobre a nulidade dos débeis. O do poder dos que trabalham sobre a incapacidade dos que nada podem realizar. O do económico sobre o social.

Uma leitura cristã deste problema diz-nos que tudo deve ser ao invés. No Evangelho os que nele contam em primeiro lugar são os Pobres, os que choram, os que usam de misericórdia, os que promovem a paz, os que sofrem perseguição. E o Evangelho é, quando «os coxos andam, os cegos vêem, os surdos ouvem e os Pobres são evangelizados».

Ora o cristão deve e só orientar-se pelo Evangelho. A sociedade que não se nortela por Ele não pode dizer-se cristã. Pelo menos uma sociedade que fique indiferente ou alheia a situações como as destas mães viúvas não pode afirmar-se cristã.

Trata-se dum sintoma para quem anda adormecido ou julgado na boa fé de seu viver cristão.

Padre Baptista



Gaiato

Director: Padre Carlos Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Administração: Casa do Gaiato — Paço de Sousa — Telef. 95285
Composto e impresso nas Escolas Gráficas da Casa do Gaiato — Paço de Sousa

Tiragem: 38.600 exemplares